

---

---

# RUI, uma gloria da humanidade

(Rui Barbosa visto por um americano)

*LAURO NOGUEIRA*

Livre docente de Direito Penal

**Vivo, era o maior dos nossos homens. Morto é o maior de nossos símbolos.**

(João Mangabeira, "Ruy, O Estadista da República", segunda edição, pág. 354)

## I

Rui Barbosa constitui ou constituiu o que, em linguagem de alto coturno, hoje transfigurada pela rotina no mais estafado lugar comum, se chamaria com verdade "o fenômeno brasileiro".

Nenhum homem houve que elevasse tanto o seu país como este baiano ilustre e notável, que deixou por tôda a parte aonde foi e por onde andou, traços inapagáveis, vestígios fulgurantes, pegadas indeléveis da possança de seu saber.

Haia foi o píncaro de sua ascensão gloriosa; e naquele cenário, para onde as nações civilizadas tinham os olhos voltados nos dias tormentosos de 1907, a Águia de Haia, como, com propriedade, o apelidaram, desferiu os seus vôos altaneiros, deslumbrando estadistas, povos, a humanidade...

Terminado o majestoso conclave, surge uma contradita histórica levantada pelas testemunhas da magna Assembléia: quem

descobriu o Brasil não foi Pedro Álvares Cabral, em data que a nossa falta de pudor patriótico não pôde ainda determinar ou fixar, mas Rui Barbosa, em Haia.

Isto, de si, revela qual a atuação de Rui Barbosa em Haia, apreciada por estrangeiros conscientes, insuspeitos, desinteressados, porque maior não poderia ser o elogio que se lhe teceu, em tão poucas, mas expressivas palavras.

Em derredor da figura excepcional do insigne brasileiro, dentro, porém, de sua própria pátria, não há um juízo uniforme.

Sobram os que lhe reconhecem os méritos extraordinários; mas não mingam os que lhe negam valor.

Sem dúvida, a primeira corrente é volumosa; mas a segunda, só com existir, como existe, oferece um atestado de nossa pequenez, niquice ou mesquinhez moral.

Certa vez, conversando, há anos, com o talentoso professor Júlio de Matos Ibiapina, de saudosa memória, me observou êle que na Europa, que êle viajara mais de uma vez, se encontravam os Ruis Barbosas aos pontapés.

Não me dei por achado e lhe redargui na ponta da lingua: “Mas na Conferencia de Haia, só tivemos o do Brasil”.

O Dr. Theodoro Figueira de Almeida expôs à publicidade, faz tempo, um livro sôbre assuntos de Direito Internacional, em que dava a entender que Rui, (porque êste na conferência de Haia repelira a doutrina de Drago (1) contra a cobrança pela fôrça de dívidas das nações) fizera “vergonha” ao Brasil(!!!) em Haia.

Moniz Sodré publicou uma conferência que corre por aí de mão em mão — (“Rui Barbosa perante a História”) — e que nunca tive o desprazer de ler, a qual era, segundo me informam, uma catilinária tremenda contra Rui.

---

(1) V. formidável discurso a respeito, *in* Ruy Barbosa, ACTES ET DICOIRS, 2me. CONFÉRENCE DE LA PAIX, pgs de 60 a 80.

Carlos de Laet, o primoroso jornalista Carlos de Laet, na imprensa, não perdia vaza para atacá-lo.

De outro lado, para redimir a personalidade da Águia de Haia dêste círculo estreito e férreo, criado pela presunção, pelo cabotismo, pelo despeito, pela maldade, pela inveja, pela baixa politicalha, monografias preciosas vêm surgindo de vez em quando, traçando a biografia do maior homem que já produziu o Brasil.

Aqui citamos, entre outras: “Rui, o Estadista da República”, talvez a mais completa e a melhor de tôdas, de João Mangabeira; “A vida de Rui Barbosa” por Luiz Viana Filho; “Rui Barbosa”, por Luiz Delgado; “Rui Barbosa”, por Fernando Néri; “Rui Barbosa”, por José Maria Belo; “Rui Barbosa”, por Mário de Lima Barbosa, etc. . . .

Note-se que Rui não ignorava esta diversidade de conceitos em que era tido pelos seus compatricios.

E naquela carta, cheia de ironia e graça, dirigida a Alberto de Oliveira, em que, ansioso pelos festejos de seu jubileu literário, fingia não os querer, escreveu: “Ora, não há, entre nós, reputação mais discutida, mais contestada, mais atacada que a minha, não mingando, entre os graduadores literários, quem me arraste desde as vertiginosas alturas de gênio e sábio até as baixuras ínfimas de analfabeto e burro.

A verdade certamente não está no primeiro, e, provávelmente, não coincidirá também com o último dêstes extremos. Mas assim divergem as opiniões” (2)

Tantos anos decorridos, após a morte do gigantesco Rui, era de esperar que “a justiça de Deus na voz da história” se erguesse por todos os cantos e recantos da Pátria, irradiando-se a sua imortalidade pelas terras e céus todos do Brasil, sem discrepância ou divergência, reverenciando os brasileiros o seu

---

(2) “A ÉPOCA”, do Rio de Janeiro, de 27 de Julho de 1918.

nome, em côro uníssono, num culto de respeito, de amor e de saudade à sua memória benemerita.

Mas parece que assim ainda não o é.

Recentemente, um filho da mesma terra em que nasceu Rui, Hélio Sodré, na sua obra "História Universal da Eloquência", procura diminuir o quanto pode Rui, e num cotejo profundamente infeliz, exalta tanto Moniz Sodré, que a gente, sem se sentir, se lembra logo daquilo de Vergílio :

"Ah!, Corydon, Corydon, quae te dementia cepit?" (3).

Sílvio Romero nota, falando sôbre Tobias Barreto, que "ao lado do partido, felizmente hoje muito reduzido e inteiramente sem préstimo dos terríveis *negacionistas* que lhe contestavam todo o valor, vai-se formando o grupo exótico de adoradores fanáticos que pretendem ser mais realistas que o rei, mais tobiistas que o próprio Tobias". (4)

Será que Rui grangeará para o futuro também o extremismo das adorações fanáticas ?

Oxalá assim o seja e que as comemorações do centenário de seu nascimento, no corrente 1949, alcem estátuas, emblemando a sua trajetória no nosso planeta e as suas glórias nesta trajetória, não apenas nas praças públicas e nos edifícios públicos, mas, sobretudo, no coração amante de todos os brasileiros.

Seja como for, a resplandecência do nome de Rui Barbosa já se projetou fora e muito além das fronteiras do Brasil.

Agora mesmo um americano ilustre, Charles W. Turner, acaba de publicar um admirável livro sôbre Rui Barbosa — "*Ruy Barbosa, Brazilian Crusader for the Essential Freedoms*".

É uma monografia, incontestavelmente, preciosa, completa, verdadeira, do viver do nosso Rui. Infelizmente ainda não co-

---

(3) Bucólicas, Écloga II, V. 69.

(4) Filosofia do Direito, segunda edição, pág. XXI.

nhecida no Brasil, todos os nacionais deviam, entretanto, conhecê-la, lê-la, meditá-la.

A maior homenagem que o governo brasileiro poderia prestar a Rui Barbosa, no ano do centenário de seu nascimento, seria mandar traduzí-la para o português (5) e distribuí-la, gratuitamente, por todo o território do País.

## II

A preciosa obra do Sr. Charles W. Turner — “*Rui Barbosa, Brazilian Crusader for the Essential Freedoms*” — contém duzentas e oito páginas, quatorze capítulos, uma táboa cronológica, notas de referências e um índice.

Denominam-se os capítulos, da seguinte maneira: I) *The Brazilian Panorama*; II) *Foundations*; III) *The Man*; IV) *The Man and his Affirmations*; V) *The Crusade for Abolition*; VI) *Twin Freedoms*; VII) *The Fall of the Empire*; VIII) *The Rise of The Republic*; IX) “*The Iron Marshal*” and Exile; X) “*The Eagle of the Hague*”; XI) *The Campanha Civilista*; XII) *The Duty of Neutrals*; XIII) *The Man and his Critics*; e XIV) *BUILDER OF THE FUTURE*.

Tem cinco fotografias, duas de Rui Barbosa, uma de sua esposa — D. Maria Augusta Viana Bandeira Barbosa, a da hoje “Casa de Rui Barbosa” e a de uma sessão em Haia, na Conferência de 1907.

Traz ela ainda uma apresentação do dr. Osvaldo Aranha, ex-ministro do Exterior do Brasil e antigo embaixador do Brasil em Washington e um prefácio do próprio autor Charles W. Turner.

---

(5) Sem nenhum ônus para o Governo da República, aceitava, com prazer, a incumbência, se ma dessem.

Confessa êste, no dito prefácio, que "*a complete biography of Ruy Barbosa is a task for several specialists*" (pág. 9) e, no entanto, traça uma biografia mais ou menos, tanto quanto possível, completa, completa mesmo, de Rui Barbosa.

O livro é todo bem urdido, lavrado, arquitetado e revela no escritor um espírito perspicaz e fino que soube estudar, soube compreender e soube escrever a biografia de Rui Barbosa com método, com conhecimento, com material excelente.

Li-o em três assentadas até tarde da noite, sem o mínimo enfado.

Em rigorosa síntese, resumamos todo o conteúdo dos capítulos do valoroso livro de Mr. Turner.

No I capítulo se nos depara um escôço da história do Brasil, desde seu descobrimento aos tempos atuais, na qual se põe em evidência até a nossa literatura dividida pelo autor em três períodos, de acôrdo com Ronald de Carvalho.

O II capítulo se inicia encominando o Estado da Bahía: *The tropical state of Bahia, sometimes called the Virginia of Brazil, has played an important part in the history of the country and has produced a significant number of statesmen*" (Pág. 32).

Pura realidade. . .

Nêle o nosso biógrafo trata dos progenitores de Rui, seu nascimento, ocorrido em 5 de Novembro de 1849, na rua dos Capitães, em Salvador, o início de seus estudos, sua matrícula na Faculdade de Direito do Recife e sua transferência para a de S. Paulo, onde se formou em direito, em 1870.

No III capítulo se estudam as aptidões de Rui.

Afirma Turner o orgulho de seu pai: "*Dr. João José Barbosa was proud of his son*" (Pág. 40)

Rui se revelava um prodígio.

"*English and French, Italian and Spanish, he wrote and spoke fluently. German, Greek and Latin he could translate to perfection. On Portuguese he was, and still is, the supreme authority*" (Pág. 42).

Sôbre a monumental “RÉPLICA”, aquela “RÉPLICA” monumental que assombrou Cândido de Figueiredo, Mr. Turner salienta: “*The “REPLICA” therefore is primarily an exhaustive study of grammatical usage and literary technique, the product of a profoundly learned and logical mind*”. (Pág. 45).

Nas “Affirmations” (cap. IV) do homem, não esquece Mr. Turner os trabalhos parlamentares de Rui sôbre o ensino, a tradução da “First Lessons of Things” de Calkins e a “questão” religiosa... de Rui.

“*Fundamentally, Ruy Barbosa was a christian humanist*” (Pág. 68).

“*The Crusade for Abolition*” (cap. V) narra com relativa perfeição a cruzada pela abolição, de Rui, ao lado de Nabuco, Castro Alves, Patrocínio e outros.

No capítulo VI se nos pinta Rui, como o porta bandeira da liberdade de consciência e de religião: “*The crusade for freedom of conscience and its political corollary, religious liberty, represents a vital expression of this devotion which has redounded immeasurably to the advantage of Brazil and her people*”. (p. 93)

O capítulo VII — “The Fall of the Empire” — compreende um apanhado fiel dos acontecimentos que redundaram afinal na proclamação da República entre nós.

A campanha jornalística de Rui, hoje quase tôda compendiada nos seis volumes da coleção das “Obras Completas” de Rui Barbosa, publicadas pelo Ministério da Educação, a que faltam ainda dois outros já anunciados, vem à balha, referindo-se Mr. Charles W. Turner com especialidade ao célebre artigo de Rui — “Plano contra a pátria”, — imorredouro nos anais da história da Republica e sôbre que anota: — “*This article exerted a decisive influence in many minds...*

.....  
It was said at the time that with this important article Ruy Barbosa had, as it were, pushed over the imperial throne with his pen”. (Págs. 100 e 101).

Pelo capítulo VIII se conhecem as duas principais atividades do grande mestre no berço da República: a na redação da Constituição de 1891 e a de suas “malsinadas” (6) finanças, como Rui algures as crismou, as finanças do primeiro Ministro da Fazenda do govêrno de Deodoro.

Turner elogia-o na primeira parte: *“The only member of the Provisional Government familiar with the republican system and conversant with American political institutions was Ruy Barbosa.*

.....

*However, when Ruy Barbosa, as we have seen, was appointed to draft the constitution of the Brazilian Republic, it was not surprising that he should have looked to the United States for the model instrument after which the charter of Brazil might be patterned”* (Pág. 108) e defende a política financeira de Rui Barbosa em linguagem digna de atenção: *“It is an aspect of his public life upon which many unfair judgments and false statements have been issued by prejudiced and undiscerning minds that have neglected to take into consideration all the facts surrounding the case”* (Pág. 115).

O capítulo IX encerra um pedaço, negro de vergonha, da existência das instituições republicanas do Brasil: é a perseguição a Rui, é a fuga de Rui, é o exílio de Rui, em face da violência do Marechal de Ferro — “The Iron Marshal” — contra êle.

Curioso em tal capítulo se nos mostra o perfil que Mr. Charles Turner desenha de Floriano Peixoto, perfil interessante e original, donde ressaem as boas e as más qualidades do denominado, erradamente, a meu ver — Consolidador da República.

Ei-lo : *“Born of humble parentage in the small northern state of Alagoas, Floriano Peixoto possessed a strange*

---

(6) Rui Barbosa — “Excursão Eleitoral ao Estado de S. Paulo”, 1909, pág. 176.

*mixture of qualities. Unlike Marshal Deodoro, his bearing was anything but martial and impressive. On the contrary, he seemed careless of his appearance. Beyond his military training he possessed little culture. He was of the cold, calculating type, always taciturn and impassible. But Floriano was a brave soldier and had distinguished himself for valor in the Paraguayan War, for which he was made a lieutenant colonel. During the last days of the Empire he was made a field marshal and held the position of adjutant general of the Army.*

*In the field of politics, however, he was an opportunist, and a typical leader of the caudilho type. On the eve of the Empire's fall his attitude had been dubious and uncertain". (Pág. 122)*

No capítulo X, Charles Turner se ocupa do brilho incomparável com que Rui Barbosa representou o Brasil na Conferência de Haia.

Nada escapa à investigação do ínclito escritor, desde a hesitação de Rui em aceitar o convite para nosso Embaixador até o papel culminante que êle desempenhou na célebre Conferência de Paz, desempenhando-se do seu honroso mandato excelentemente.

O incidente de Rui com o delegado russo De Martens, que foi o que precisa e estrondosamente atraiu as vistas da Assembléia para o sábio representante do Brasil, é descrito minuciosamente e repetida a frase lapidar de Mr. James Brown Scott, deslumbrado com a atitude enérgica, temerária e dessorabrada de Rui: "BEHOLD THE NEW WORLD MAKING ITSELF HEARD BY THE OLD."

Termina Mr. Charles Turner o X capítulo transcrevendo o juízo do jornalista inglês Stead sobre Rui, o qual deixamos de reproduzir por demais conhecido.

A campanha civilista — The Campanha Civilista — forma o conteúdo do capítulo XI.

Aí avultam os históricos da candidatura militar do Marechal Hermes e da candidatura civil de Rui.

Todo o desenrolar da campanha, desenvolvida pelo nosso genial conterrâneo, revive nas páginas dêste livro de pouco mais de duzentas páginas, mas antes um livrão do que um livrinho, mais brasileiro do que americano.

Focou o referido livro todos os aspectos da luta política que se incendiou entre nós em 1909 e 1910, rememorando até as irregularidades da eleição e de sua apuração final.

No capítulo XII, retumba a voz oracular que do alto da tribuna da Universidade de Buenos Aires prega, ao mundo extasiado e estremunhado, novo evangelho das leis de guerra sôbre o dever dos neutros.

Nunca a palavra de um homem ecoou com tanta resonância e eloquência e repercutiu com tanta grandeza, gravidade e amplitude em meio à desolação existente na face da terra.

A doutrinação nova, desconhecida, inédita, poderia não ser verdadeira, mas tornou-se logo classica dentre os princípios, dogmas, apoftegmas do precario Direito Internacional.

Turner lamenta a ausencia de Rui á Conferência de Versalhes em 1919 e assinala que "*the conditions of the Versailles Treaty might have been other than they were, had Ruy Barbosa been present at the Conference*" (Págs. 162 e 163).

O capítulo XIII — The Man and his Critics —, afigura-se-me o mais fraco de todos. Neste ponto, o ilustre americano teria de tomar partido ostensivo em favor ou contra os "Críticos" de Rui e daí o seu escrúpulo em se afastar de um terreno que talvez conduzisse ao lado pessoal.

Mas a "definição" de Alcindo Guanabara sôbre Rui lá aparece: "*the biography of this great citizen can be symbolized by a straight line drawn between liberty and justice*" (Pág. 166).

Que bela síntese !

Que primor !

E que verdade !

Finalmente, o capítulo XIV — “*Builder of the future*” — conclui a obra.

Repassam-se nêle os episódios principais da vida do grande brasileiro ,esclarecendo-se a opinião que Clemenceau e Hanotaux manifestaram a seu respeito, dêle.

Com que vaidade, eu, que tenho pelo imenso Rui uma quase idolatria, vejo um americano — e em regra o americano, como o inglês, de que descende, é demasiadamente parco em elogio —, enfaticamente, repetidamente, intencionalmente chamá-lo Grande com G grande: “*He is called Great because of the multiplicity of his talents and gifts*” (Pág. 172).

A mais inteligente observação de Mr. Charles Turner, no derradeiro capítulo de seu notável livro, está em quando, após mostrar que Rui nunca chegou a alcançar a presidência da República brasileira, declara: “*But if influence is the measure, this man who for half a century was the dynamic heart of Brazil cannot be gauged solely by political nomenclature. As a builder of the future, Ruy Barbosa was an “over-president”*”. (Pág. 174).

Expressão feliz, felicíssima, refelicíssima: “OVER-PRESIDENT”.

E é o que Rui no Brasil foi realmente: um “Over-presidente”, uma espécie de Super ou Sôbre-Presidente nos destinos e dos destinos do Brasil.

A política brasileira sempre conspirou contra êle, excluindo-o acintosamente do alto posto da Presidencia.

Agia, assim, para o diminuir, para o apoucar, para o magoar, para o afrontar, em suma, para lhe fazer mal; mas, ao contrário, com isto, segundo penso, só lhe bem fêz.

Ninguém tem, pelo menos, o direito de imputar-lhe os infortúnios, as desditas, as desgraças que afundam a República, como teria, si se houvesse êle sentado na Presidencia.

Bryce, respeitante à América do Norte, nota que os grandes

homens não chegam à Presidência, porque a política produz raramente (7) esta casta de gente, o que não me parece exato.

Ela os produz sem rareza; mas o que acontece é que os grandes homens na política são submergidos pelos intriguistas e nulidades encapotadas e audaciosas que a tudo sobem, porque nada pesam.

O culto da incompetência é, principalmente, no campo da política, que encontra maiores ensanchas e bate, todo vitorioso, o seu primado.

### III

Rui ultrapassou a craveira média dos homens de inteligência, de talento, de cultura.

Daí as prevenções, o ódio, o rancor que a inveja, o despeito, a mediocridade não perdôam à superioridade.

Pode-se dizer que êle é da categoria superior daqueles homens — UBERMENSCH —, a que se reportava o gênio alucinado do filósofo alemão.

Foi, sem dúvida, uma autêntica, uma verdadeira, uma lídima, uma soberba, uma grande glória do Brasil. Só do Brasil? Não, corriamos. Como opina Charles W. Turner: "*Geographical boundaries cannot contain a personality such as his*" (*Ruy Barbosa, Brazilian Crusader for the essential freedoms*, pág. 9).

Mais que uma glória do Brasil foi o nosso excelso Rui Barbosa.

Aplicando-se-lhe o que êle aplicou a França e Rosas (8), eu juro, no altar da pátria, orgulhoso e ensoberbecido: Rui Barbosa foi uma glória da Humanidade.

---

(7) *The American Commonwealth*, Vol. I.º, pág 83.

(8) "Cartas de Inglaterra", pág. 254, edição das "OBRAS COMPLETAS".

---

NOTA : O presente trabalho, também, será editado em inglês, pelo autor.